



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

ĩnih S?ah: works de mapeamento com os Hupd?äh (2015-2020)

Autoria: Bruno Ribeiro Marques (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

Retomo um conjunto de works realizados com os Hupd?äh entre 2015 e 2020, envolvendo diferentes formas de mapeamento e que dizem respeito, de alguma forma, à sua ideia de ñnih s?ah, (?nossa terra?). Os Hupd?äh (2.634 pessoas, FOIRN/ISA 2017) são um povo indígena da região do Alto Rio Negro, parte da família linguística Naduhupy. Estão distribuídos em dezenas de comunidades e sítios, e, nos últimos anos, têm circulado frequentemente no centro urbano de São Gabriel da Cachoeira (AM, Brasil). Suas terras tradicionalmente habitadas, compartilhadas com povos da família linguística Tukano oriental, estão entre os rios Papuri, Tiquié e Uaupés; e os pontos neste território circunscrito são entrelaçados por uma infinidade de caminhos terrestres (tiw). Há dois objetivos principais neste work, dividindo o texto em duas partes. O primeiro é descrever um conjunto de works realizados no decorrer da elaboração do PGTA (Plano de Gestão Territorial e Ambiental) da TI Alto Rio Negro, de pesquisas de registro cultural em vista da salvaguarda e da patrimonialização dos modos de fazer caminho dos Hupd?äh (Museu do Índio/UNESCO) e de pesquisas acadêmicas em sentido mais estrito. Nisso, foram realizadas uma série de oficinas para elaboração de levantamentos socioambientais, desenhos de mapas por cada uma das comunidades e um censo com o histórico de deslocamento espacial das famílias até a formação das comunidades atuais. Em duas regiões habitadas pelos Hupd?äh, foram realizadas caminhadas na floresta como aprofundamento dos works de



mapeamento, além da gravação de narrativas sobre os mitos e os nomes de lugares e de fórmulas xamânicas para a proteção dos caminhantes na floresta. Há algo de inventário e organização de pesquisa nesta apresentação. O segundo objetivo é destacar linhas analíticas a serem desenvolvidas mais profundamente em estudos futuros. Neste sentido, apresento alguns conceitos, tropos telúricos do pensamento hup, das potências vitais nos caminhos, na floresta e os sentidos da multiplicidade. Exemplos: o saber fazer o caminho e a formação xamânica e de práticas de atenção dos jovens; a densidade simbólica da região das cabeceiras dos igarapés; as serras (paç) com lagos de leite em seu topo e cidades em seu subterrâneo; a antropogenia da paisagem, com os sítios antigos marcados pelas árvores frutíferas dos wãhäd d?äh (?ancestrais?); os lugares e seus donos (hũ wãhäd d?äh, os ?velhos da caça?); as toponímias míticas e xamânicas, lugares hat niy (?que tem nome?). Por óbvio, em vista do volume de dados, a apresentação será um sobrevoo por aspectos colocados de maneira mais clara no texto a ser discutido.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: